



A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica

Vowel Harmony as evidence of historical change

Leda Bisol (PUCRS, CNPq)

RESUMO

Como um processo de assimilação comum às línguas humanas, a harmonização vocálica que tem por contexto a pauta pretônica, a exemplo de menina ~ minina, coruja ~ curuja, esteve presente no português europeu desde sua infância a seus tempos áureos, que se iniciam com Camões, incrementando-se junto à língua com andar dos tempos até meados do século XVIII, declinando a partir daí para desaparecer do português europeu no século XIX, continuando, todavia, no português brasileiro. Desde então ela se impõe como um divisor de águas: o português brasileiro que a preserva, de um lado, e o português europeu que a negligencia, de outro, dois dialetos da mesma língua.

Palavras-chave: *variação; mudança histórica; efeitos.*

ABSTRACT

*As a process of assimilation which is common in human languages, pretonic vowel harmony, such as happens in *menina* ~ *minina*, *coruja* ~ *curuja*, has been found in European Portuguese since its infancy, developing itself with the language over time half way through the eighteenth century, declining since then until its disappearance in European Portuguese in the nineteenth century, continuing, however, in Brazilian Portuguese. It can be seen as a watershed ever since: Brazilian Portuguese preserving the pretonic harmony on the one hand, and European Portuguese neglecting it, on the other hand; to dialects of the same language.*

Key-words: *variation; historical change; effects.*

Introdução

O tema é a mudança histórica que dividiu o português em dois dialetos: o português europeu e o português brasileiro, aqui considerada sob o prisma da fonologia. Mudanças não são bruscas nem espontâneas, mas resultantes de um processo de múltiplos envolvimentos que se desenrola lentamente através dos séculos, por vezes sugerido pelo comportamento de regra variável, mas sempre de difícil captação senão quando efetuada, isto é, quando os seus resultados permitem um olhar para o passado.

É nessa linha que vamos observar a harmonização vocálica, uma regra variável, como um indício da mudança histórica que dividiu o português em dois dialetos, PE, português europeu e PB, português brasileiro, mudança que eclodiu no declinar do séc. XVIII com evidências translúcidas no início do XIX. Trata-se, pois, de um breve olhar para o passado que à moda de uma investigação histórica, necessita de periodização.

A periodização é um recurso para captar épocas em que o objeto em estudo se apresenta com certa coerência. Em se tratando de mudança que ocorre lenta e imperceptivelmente no percurso histórico de uma língua, o ponto inicial e o ponto final exatos, isto é, a delimitação não tem o rigor de uma marca temporal estrita, mas é um indicativo

de uma história que se desenvolve no decorrer de certa periodização, independentemente de sobrepujar ou subexpor os limites indicados.

Não havendo consenso sobre o início da língua portuguesa, fala-se em séc. IX, fala-se em séc. XIII, consideraremos, sem compromissos com divisões estabelecidas, cinco períodos, assim denominados: a) fase inicial, b) fase medieval, c) fase clássica, d) fase crítica e) fase contemporânea, respectivamente, português inicial do séc. IX a XIII, português medieval do XIII ao XV, português clássico do XVI ao XVIII, período crítico, séc. XIX e português contemporâneo, sec. XX-XXI.

O português e o espanhol têm inicialmente uma história em comum. Quando o império romano se estendeu por diferentes regiões entre as quais a península Ibérica, o latim em contato com línguas autóctones foi tomando aqui e acolá coloridos diferentes da língua falada no Lácio, criando-se os romances, futuras línguas neolatinas. Ao nordeste da Península Ibérica, um pequeno povoado, conhecido por Galícia ou Galiza, tinha certo prestígio cultural na idade média, pois cultivava-se teatro e poesia, ali o latim falado com as peculiaridades da região, referido por galaico-português ou simplesmente galaico ou galego foi a primeira língua romance da península ibérica. Somente depois do declínio do império romano, ou melhor, depois das guerras ou invasões que se sucederam, três línguas latinas destacaram-se na península: o galaico-português de que o português se origina, o castelhano e o catalão. Mas, voltando à Galícia com sua língua romance, vale observar que o galaico-português ou galego foi a língua das cantigas trovadorescas de origem provençal, sul da França, que se estenderam por toda a península na voz dos trovadores, tornando-se a língua da poesia lírica no período medieval, séc. XIII a XV. Nobres a cultivaram, entre eles Dom Dinis de Portugal e Afonso X de Leão e Castela. Classificadas como cantigas de amigo, de amor e de escárnio estão guardadas em quatro Cancioneiros, o Colloci Brancuti, o Cancioneiro da Vaticana, o Cancioneiro da Ajuda e o Cancioneiro de Santa Maria de Afonso X de Castela, figurando como um legado importante da Idade Média.

Ragutti (1944: 20), em *História das Letras Castellanas*, referindo-se aos romances e dialetos de Espanha, diz “*El gallego, galaico ou galiciano, lengua de Galicia, que de los romances espanholes fue el primero a desarrollarse, de tal modo que ya em el siglo XIII lo adoptan*

como lengua poética los mismos trovadores de Castilla, y dió origen al português.” Galícia, no séc. XVI entra em declínio em razão de forças emanadas do reino central a ponto de desaparecer para reaparecer tão somente na época do romantismo, graças ao esforço de escritores, e desde então é uma comunidade autônoma espanhola, cuja capital é Santiago de Compostela. Tem hoje duas línguas oficiais: o galego e o espanhol, mas existe um grupo de intelectuais que defendem que o galego, o português brasileiro e o português europeu são três dialetos do português.

Todavia o português começa sua história em particular no Condado Portucalense, região situada entre Minho e Douro, com parte de Galícia, e que, incluindo Coimbra, foi doada a Henrique de Borgonha pelo rei de Leão e Castela, por mérito de suas façanhas na guerra da reconquista, ou seja, na guerra contra os árabes. Com isso o centro cultural dessa região, outrora Galícia, desloca-se para Lisboa, a sede do monarca. Mas o Condado Portucalense continua ligado ao Reino de Leão e Castela. É tão somente com o filho Dom Henrique no poder, *Afonso XIII*, que Portugal se separa do reino dominante e desde então a língua portuguesa segue livremente seu caminho para situar-se com o tempo, inovações e conquistas marítimas, entre as línguas mais faladas do mundo. O português e o espanhol têm, portanto, inicialmente uma história em comum.

Feita esta breve introdução, detenhamo-nos no tema, uma mudança linguística espelhada por uma regra fonológica, a harmonização vocálica.

A harmonia ou harmonização vocálica consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente, quando a média precede uma sílaba com vogal alta, a exemplo de *pepino* ~ *pipino*, *coruja* ~ *curuja*, *bonito* ~ *bunito*. Por tratar-se de regra de aplicação variável, isto é, não categórica, ambas as formas coocorrem. E por ter sido encontrada em palavras do Appendix Probi, uma coleção de duzentos e vinte e sete palavras latinas contrapostas a formas ditas incorretas, supostamente atribuída a um autor africano, entre as quais *formica non furmica*, *festuca non fistuca*, *robigo non rubigo* e outras, consideramo-la herança do latim vulgar.

1. A harmonia da pretônica no andar dos tempos

1.1. Fase inicial

As primeiras palavras portuguesas aparecem em documentos escritos na tradição latim-português, em que o português aparece mesclado com palavras latinas, período que se estende do séc. IX ao séc. XI. Entres os estudos dessa fase, cita-se o de Norman P. Sack (1941) “The Latinity of Dated Documents in the Portuguese Territory,” que foi elaborado com o objetivo de mostrar o latim em palavras portuguesas. Em (1) registram-se os dados encontrados relativos ao tema em estudo, harmonia vocálica, doravante, HV, que, como vimos consiste na alteração da vogal média diante de uma sílaba com vogal alta, a exemplo de *menina* ~ *minina*, e alçamento da vogal média sem motivação aparente, isto é, sem a presença de uma sílaba subsequente com vogal alta, doravante ASM, a exemplo de *boneca* ~ *buneca*.

(1) HV	ASM
costumes < consuetudinem	cumtestamus < contestamus
mulinos < molina	contuversia < controversiam
pigureiro < pecuariarium	cunlomento < cognomentum
obturigare < auctoricare	lugares < locales
vindigar < vindicare	vinder < vendere

São poucas as palavras mas têm uma significação especial, pois mostram que a alteração da vogal média pretônica está presente na língua desde os primeiros balbucios como uma herança do latim vulgar.

1.2. Fase medieval

É nesta fase, séc. XIII a XV, que o português desponta com autonomia em textos de diferentes ordens, entre os quais os de teor religioso, característica do período medieval. A maioria são documentos produzidos em mosteiro, com dedicação e letra cuidadosa, mas de difícil leitura não só pela distância que nos separa como também pela letra gótica fora de nossos hábitos. Dois foram os textos básicos para este estudo: o Orto do Esposo e o Tratado de Confissson.

O Orto do Esposo (1385) de índole religiosa é de autor desconhecido. As palavras lexicais que constituem essa obra foram organizadas em glossário por Bertil Maler (1964), que as compilou aos pares, classificando-as em dois grupos, prováveis e não prováveis, com um dos membros entre parênteses quando não encontrado. Desse glossário, extraímos as palavras que seguem, apenas três com ASM, *dileytamento* (deleitamento), *possisson* (possessom) e *ticer* (tecer), o mais são casos de HV:

(2) HV

1 - acuntycia (acontecia)	31 - grussura ~ grossura
2 - acurrimto ~ acorrimento	32 - mancibia ~ mancebia
3 - acustumar ~ acostumar	33 - midida ~ medida
4 - apustura ~ apostura	34 - milho ~ melhor (ver nota 1)
5 - bevydice ~ bevedice	35 - mindigar ~ mendigar
6 - buticaryo (boticaio)	36 - minino ~ menino
7 - cigidade ~ ceguidade	37 - myntir ~ mentir
8 - cilício ~ celício	38 - miricimento ~ mericimento
9 - cobertura ~ cobertura	39 - mizquidade ~ mesquidade
10 - cubiibiçoso ~ cobibiçoso	40 - mizquinho ~ mesquinho
11 - cubrir ~ cobrir	41 - myndigo (mendigo)
12 - concibimento ~ concebimento	42 - murdedura (mordidura)
13 - consintyr ~ consentyr	43 - murdimento (mordimento)
14 - consintysse ~ consentysse	44 - padicimento ~ padecimento
15 - custume ~ costume	45 - pidir ~ pedir
16 - cumunalmente ~ comunalmente	46 - persyguiçom ~ perseguidor
17 - dilicado ~ delicado	47 - percibimento ~ percebimento
18 - dirritido ~ derretido	48 - pitiçom ~ petiçom
19 - descobrir ~ descobrir	49 - prigiça ~ pregiça
20 - desmiricimento desmerecimento	50 - prigiçoso ~ pregiçoso
21 - desobidiente ~ desobediente	51 - pudridom ~ podridom
22 - encubrir ~ encobrir	52 - rimir ~ remir
23 - engulir ~ engolir	53 - rispitar ~ respirar
24 - esculphir ~ escolphir	54 - siguidor ~ seguidor
25 - enfermidade ~ enfermidade	55 - siguir ~ seguir
26 - espicialmente ~ especialmente	56 - siguinte ~ seguinte
27 - esplandicimento (esplandecimento)	57 - sintido ~ sentido
28 - falicimento ~ falecimento	58 - testemunhar ~ testemunhar
29 - furtuna ~ fortuna	59 - vilhice ~ velhice
30 - gimido ~ gemido	60 - vistir ~ vestir

Não nos deteremos em estatística, mas a simples contagem é expressiva, permitindo-nos afirmar que na fase em que o português atinge

sua autonomia, a harmonia (HV) uma assimilação regressiva comum às línguas humanas, está fortemente presente nos dados.

Do período medieval considerou-se ainda o Tratado de Confisson, impresso em Chaves (1489), também de autor desconhecido, que, destinado a clérigos, trata de pecados e penitências. Foi consultado na edição de José V. Pina Martins (1973), o descobridor da obra, o qual faz um levantamento das palavras do texto no estilo de Maler, classificando-as em prováveis e não prováveis, do qual extraímos as que seguem, apenas quatro com ASM *jugatais* (jograis), *pumar* (pomar), *timer* (temer), *timor* (temor); o mais são HV:

(3) HV

1 - acostumado ~ acostumado	20 - favoricível (favorecível)
2 - avurricível ~ avorrecível	21 - infirmitude ~ enfermidade
3 - bebidade ~ bebedice	22 - irrigular ~ irregular
4 - celistial ~ celestial	23 - friguesia (freigueses)
5 - cirimonias ~ cerimônias	24 - mancibia ~ mancebia
6 - cibiça ~ cobiiça	25 - mintir, mintiste ~ mintira (mentir)
7 - concibido (concebido)	26 - midida, midir (medir)
8 - consintido (consentido)	27 - milhores ~ melhores
9 - conhicimento (conhecimento)	28 - mericimento ~ merecimento
10 - custume ~ costume	29 - mysquinho (mesquinho)
11 - convinhável ~ convenhável	30 - priguiça (preguiça)
12 - dilicado ~ delicado	31 - priguiçoso (preguiçoso)
13 - desconhido (desconhecido)	32 - pididos, pidir (pedir)
14 - desfalicimento (desfalecimento)	33 - promitimento ~ prometimento
15 - descuberta ~ descoberta	34 - siguir (seguir)
16 - duçura ~ doçura	35 - stabilicido (estabelecido)
17 - espicial ~ especial	36 - testemunho ~ testemunho
18 - esturminho (estorminho)	37 - vistidura ~ vestimenta
19 - fumigasti ~ formigasses	38 - turpidade (torpidade)

Também, neste texto, HV com sua regularidade contextual está bem documentada, enquanto ASM continua a parecer mero equívoco. Considerando-se que a escrita ainda não estava sob o controle da rigidez de normas, admitimos que os textos consultados, embora produzidos com o cuidado de bem escrever, refletem a fala da época, permitindo-nos afirmar que HV, como assimilação regressiva, faz parte do sistema do português medieval com o estatuto de regra de aplicação variável.

1.3. Fase clássica

É no andar dos séculos XVI a XVIII que a língua desponta com toda a sua potencialidade “*capaz de expressar com elegância qualquer conteúdo ideológico,*” segundo Cuesta e Luz (1980: 195-196). Supõe-se que paralelamente seja essa também a fase da língua falada, condutora legítima da história de uma língua, ainda que possam existir variedades socioculturais em estágios mais tardios. Nessa fase de três séculos, dado o alto nível da produção da escrita que vai da epopeia a grandes romances que celebrizam o português, a expectativa de encontrar a variação em foco era menor do que nos períodos anteriores. No entanto, o desenvolvimento da escrita não interceptou a presença da harmonia em trabalhos clássicos. Na primeira edição de *Os Lusíadas* (1572), há 29 casos de HV e apenas um de ASM, *cigueira* por *cegueira*. Os dados que seguem foram extraídos do “Índice Analítico do Vocabulário de *Os Lusíadas*”, organizado por Poggi de Assis et al (1966).

(4) HV na primeira edição de *Os Lusíadas*

1 - apinino (apenino)	16 - embebidos embebidos (embebidos)
2 - Cyficia (Cefícia)	17 - engulindo (engolindo)
3 - cubiça~ cobiça	18 - gingiva (gengiva)
4 - cubiçado ~ cobiçosos	19 - insufribil (insofrível)
5 - cubrir, cubrio (cobrir~cubrir)	20 - insufridas (insofridas)
6 - cubertas, cuberta (cobertas, coberta)	21 - Milindano (Melindano)
7 - custuma~ costume	22 - minino (menino)
8 - costume~costume	23 - mintirosa ~mentirosa
9 - costumado~costumado	24 - misilhões (mexilhões)
10 - conhicimento (conhecimento)	25 - melhor (melhor)
11 - difiria, difrisse (deferir)	26 - perigo~pirigo
12 - dirivado, diriva (derivar)	27 - regurosos ~regurosos
13 - descubridor ~descubridores (descobrir)	28 - Sivilha (Sevilha)
14 - descuberto (descoberto) ¹	29 - surrindo (sorrindo)
15 - encuberto (encoberto)/(cubrir-cobrir)	

1. Agradeço ao revisor anônimo a acurada observação da presença em lista de HV de palavras sem vogal alta no contexto, como cuberta, encuberto, descuberto e melhor. As três primeiras são derivadas de uma base com contexto para HV (cobrir~cubrir). É comum em casos como esse estender-se o efeito de HV na base para todo o paradigma derivacional, embora se trate de uma regra de aplicação variável. Quanto à palavra melhor, a motivação está na consoante, uma lateral palatal, cuja constituição é ainda discutível, mas o que importa, no caso, é a semelhança quanto à percepção do som da lateral palatal com o som de **li**, a exemplo de família /filha e afilhar/afiliar. Limite-me a esse comentário, pois detalhes afastam-nos do foco deste estudo.

Tão natural deve ter sido a harmonia na fala da época que Camões não se dera conta que a deixava transparecer na escrita.

Nesta fase, surgem as duas primeiras gramáticas da língua, a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540), essa com teor didático, dedicada às escolas, aquela com o estilo de descrição de língua com reflexões do autor sobre o que observa no português de seu tempo.

*“Não pareça a alguém que nós confundimos **i** pequeno com **e** pequeno, nem **o** pequeno com **u** pequeno, porque elas não são diversas vozes e tão-pouco não tem necessidade de diversas letras. Mas é dessa maneira que antre **e** que é letra delgada, aguda e viva, e antre **e** grande soa na nossa língua hũa outra voz mais escura e não mais que hũa; e a este chamamos **e** pequeno, o qual em hũas partes soa mais **e** e em outras menos, como fazem as outras vogais. E onde soa mais, podemos dizer que é mais vizinho do **e** grande; onde também menos soa será isso mesmo mais vezinho do **e** pequeno.*

Eis que Fernão de Oliveira sinaliza a variável vogal escura, cuja presença vai se avolumando aos poucos, à qual retornaremos, pois ao lado de HV, é um dos condutores do processo de mudança que vai desvendar-se claramente no séc. XIX. A partir daqui, contamos com dois indicadores da mudança: a vogal escura assinalada por Fernão de Oliveira e HV que estamos contemplando. Essa depois de chegar ao ápice de seu domínio, desaparecerá, enquanto aquela passará de índice à característica do sistema.

Do séc. XVII, visitamos “Thesouro da língoa portuguesa (1647) e “Regras Gerais (1666) de Bento Pereyra que no estilo de “não diga isso mas aquilo, ”a exemplo de “não tuturia mas tutoria”, faz recomendações com vistas ao aprimoramento da língua escrita, apresentando uma longa relação de palavras, entre as quais as que seguem, readaptadas para HV e ASM:

(5) HV

- 1 - cigude ~ cegude
- 2 - cubrir ~ cobrir
- 3 - cubiça ~ cobiça
- 4 - curucho ~ corucho
- 5 - curuja ~ coruja
- 6 - custume ~ costume
- 7 - divido ~ devido
- 8 - fucinho ~ focinho
- 9 - gimido ~ gemido
- 10 - milho ~ melhor
- 11 - milhória ~ melhoria
- 12 - minino ~ menino
- 13 - pidir ~ pedir
- 14 - pidinte ~ pedinte
- 15 - pitiçam ~ petiçam
- 16 - priguiça ~ preguiça
- 17 - priguiçoso ~ preguiçoso
- 18 - Purtugal ~ Portugal
- 19 - sintinela ~ sentinela
- 20 - testemunho ~ testemunho
- 21 - tuturia ~ tutoria
- 22 - vindido ~ vendido
- 23 - vistido ~ vestido
- 24 - vistir ~ vestir
- 25 - vistidura ~ vestidura

ASM

- 1 - cilleyro ~ celleyro
- 2 - cumiçou ~ começou
- 3 - fugareyro ~ fogareyro
- 4 - gimer ~ gemer
- 5 - piqueno ~ pequeno
- 6 - picado ~ pecado
- 7 - pireyra ~ pereyra
- 8 - pirfeito ~ perfeito
- 9 - puderão ~ poderão
- 10 - pumar ~ pomar
- 11 - pumareyro ~ pomareyro
- 12 - rindeiro ~ rendeiro
- 13 - rigurosas ~ rigorosas
- 14 - tisouro ~ tesouro
- 15 - vinder ~ vender

Embora HV continue na prevalência, em conformidade com o uso normal que vinha mostrando, vale notar o acréscimo da ocorrência de ASM que agora começa a apresentar-se com alguma coerência, como a preferência à vizinhança com consoante velar ou labial, embora ainda com muitas extrapolações. Todavia esse aumento é o primeiro alerta da mudança que vem se delineando lentamente e que está a ponto de eclodir. HV e ASM, por terem o mesmo efeito, a substituição das vogais médias por altas, ao tenderem a andar pari passu do século XVII a meados do XVIII concorrem, ao lado de outros processos envolvidos, para a consecução do desfecho final, que é o desaparecimento das médias átonas.

Do séc. XVIII, tomou-se por referência Madureira Feijó, consultado na edição original de “Orthografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa”, um volumoso compêndio de palavras ditas erradas contrapostas a palavras ditas certas, também no estilo de Appendix Probi, “diga isso mas não aquilo,” de onde foram extraídos e reclassificados como HV e ASM os casos que seguem:

(6) HV	ASM
1 - abitumar ~ abetumar	1 - algudão ~ algodão
2 - acredito ~ acreditado	2 - almufada ~ almofada
3 - acugular ~ acogular	3 - almucreve ~ almocreve
4 - acustumo ~ acostumo	4 - alvijar ~ alvejar
5 - aconticido ~ acontecido	5 - arijar ~ arejar
6 - acuntecimento ~ acontecimento	6 - arripender ~ arrepender
7 - advirsidade ~ adversidade	7 - apedrijar ~ apedrejar
8 - affucinhar ~ affocinhar	8 - atriver-se ~ atrever-se
9 - agunia ~ agonia	9 - bandijar ~ bandejar
10 - alicrim ~ alecrim	10 - biber ~ beber
11 - amixial ~ amexial	11 - binzer ~ benzer
12 - amufinar ~ amofinar	12 - buceto ~ boceto
13 - amutinar ~ amotinar	13 - buquejar ~ boquejar
14 - apilidar ~ apellidar	14 - bustela ~ bostela
15 - appitite ~ apetite	15 - currer ~ correr
16 - Aristino ~ Arestino	16 - corrente ~ corrente
17 - arripiar ~ arrepiar	17 - corrumper ~ corromper
18 - assigurar ~ assegurar	18 - custela ~ costela
19 - atrivido ~ atrevido	19 - cabilleiro ~ cabelleiro
20 - bebidice ~ bebedice	20 - castilhano ~ castelhano
21 - belliguim ~ belleguim	21 - climente ~ clemente
22 - beneficencia ~ beneficência	22 - culete ~ colete
23 - beneficiado ~ beneficiado	23 - cumedor ~ comedor
24 - beneficio ~ benefício	24 - cumpitente ~ competente
25 - burrifar ~ borrifar	25 - conciber ~ conceber
26 - burseguim ~ borzeguim	26 - concurrer ~ concorrer
27 - buvino ~ bovino	27 - convincer ~ convencer
28 - burbulhar ~ borbulhar	28 - curação ~ coração
29 - cubrir ~ cobrir	29 - cutuvelo ~ cotovelo
30 - compilir ~ compelir	30 - difender ~ defender
31 - compitir ~ competir	31 - derriter ~ derreter
32 - concibido ~ concebido	32 - discurrer ~ descorrer
33 - conhicimento ~ conhecimento	33 - despijar ~ despejar

continua

- | | |
|--|------------------------------|
| 34 - conseguir ~ conseguir | 34 - escurregar ~ escorregar |
| 35 - consintido ~ consentido | 35 - escurrer ~ escorrer |
| 36 - convertido ~ convertido | 36 - fichar ~ fechar |
| 37 - costume ~ costume | 37 - fugaça ~ fogaça |
| 38 - dicifrar ~ decifrar | 38 - gracijar ~ gracejar |
| 39 - ducidir ~ decidir | 39 - gimer ~ gemer |
| 40 - denigrado ~ denegrido | 40 - lagrimijar ~ lagrimejar |
| 41 - depinicar ~ depenicar | 41 - lamintação ~ lamentação |
| 42 - descobrir ~ descobrir | 42 - mirenda ~ merenda |
| 43 - descutinar ~ descortinar | 43 - negrijar ~ negrejar |
| 44 - despida ~ despedida | 44 - ordinação ~ ordenação |
| 45 - dissimilhança ~ dessemilhança | 45 - piccado ~ pecado |
| 46 - digirir ~ digerir | 46 - piccador ~ pecador |
| 47 - duçura ~ doçura | 47 - pedirneira ~ pederneira |
| 48 - esfulinhar ~ esfolinhar | 48 - pinhor ~ penhor |
| 49 - extirminar ~ exterminar | 49 - pireira ~ pereira |
| 50 - firir ~ ferir | 50 - prinder ~ prender |
| 51 - gímido ~ gemido | 51 - tinente ~ tenente |
| 52 - gítiliza ~ gentileza | |
| 53 - gíngibre ~ gengibre | |
| 54 - gíngiva ~ gengiva | |
| 55 - gínitivo ~ genitivo | |
| 56 - líntilhas ~ lentilhas | |
| 57 - líviandade ~ leviandade | |
| 58 - líviano ~ leviano | |
| 59 - lívimento ~ levimento | |
| 60 - mídida ~ medida | |
| 61 - mílindre ~ melindre | |
| 62 - míridiano ~ merediano | |
| 63 - míxericar, míxiricar ~ mexericar | |
| 64 - mísicórdia ~ misericórdia | |
| 65 - múribundo ~ moribundo | |
| 66 - míntira ~ mentira | |
| 67 - níccissidade ~ necessidade | |
| 68 - nígrigência ~ negligência | |
| 69 - offericimento ~ oferecimento | |
| 70 - pelíngriño ~ peregrino | |
| 71 - pelíngriñar peregrinar | |
| 72 - pelíngriño, pílingriñar ~ peregrino | |
| 73 - refírir ~ referir | |
| 74 - repíntino~repentino | |
| 75 - repítição ~ repetição | |

A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica

- 76 - revistir ~ revestir
- 77 - siguir ~ seguir
- 78 - sigundar ~ segundar
- 79 - sirvir ~ servir
- 80 - siringa ~ seringa
- 81 - sintir ~ sentir
- 82 - sintido ~ sentido
- 83 - sintinela ~ sentinela
- 84 - sipulto ~ sepulto
- 85 - temiridade ~ temeridade
- 86 - tirnura ~ ternura
- 87 - tussir ~ tossir
- 88 - vistir ~ vestir
- 89 - vistimenta ~ vestimenta (nota 1)
- 90 - vistígio ~ vestígio

Embora prepondere HV, (90 versus 51), é de notar-se o acréscimo de ASM em relação aos períodos precedentes, como se estivesse tentando entrar no ritmo de HV. As médias persistem nas alternâncias, mas correm grande risco. É a mudança em progresso na época da prosa portuguesa de grande elegância, segundo Cuesta e Luz (1980). A mudança está às portas. É o que se depreende dos documentos consultados, admitindo-se que a escrita antiga reflita fenômenos da fala.

“Em Portugal, não há, nem houve nunca ortografia oficial, uniforme. Só ortografias variadas, mais ou menos sensatamente regradas pelo costume e exemplo de bons autores, mais ou menos inçadas de erros, contradições, dislates, caprichos e idiosincrasias. Esse estado anormal foi tomando proporções de calamidade nos último decênio do século passado...” Vasconcelos, Carolina Michaelis (1912, p. 97).

O que foi calamidade para a língua escrita foi um benefício para a história da língua, pois esses escritos guardam memória da fala. E foi assim que um olhar para o passado permitiu acompanhar a presença da harmonia vocálica no português antigo até meados do séc. XVIII e constatar o seu papel na mudança que aflorou no séc. XIX.

1.4. Período crítico

Assim denominamos o séc. XIX, pois nele se tornaram explícitos os efeitos da mudança, para a qual concorreram essencialmente três processos: a perda da distintividade das médias, uma em relação à outra, assinalada por Nunes (1945); o papel de HV e de sua congênera, que fragilizaram a presença das médias no sistema, e a centralização, uma força inovadora que vinha simultaneamente fazendo o seu papel no âmbito das vogais [-post], conduzindo-as em direção ao centro do aparato fonador, o que lhes deu um som abafado ou escuro, cuja presença fora notada primeiramente por Fernão de Oliveira: “*dantr e pequeno e e grande soa na nossa língua hũa outra voz mais escura e não mais que hũa.*”

Diz Nunes:

“As vogais átonas compartilham da sorte das sílabas do mesmo nome; como estas, alteram-se e por vezes até desaparecem, mas quando persistem tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir. Desta circunstância resulta [...] que tanto o é como o ó se confundem com ê e ô, não se fazendo distinção entre essas vogais, senão quando a palavra é proferida com ênfase...” Nunes, J.J. (1945 [1930], p. 53).

Depreende-se disso e das considerações apresentadas em páginas precedentes que a ambiguidade das médias átonas, decorrentes da perda da função distintiva de uma em relação à outra, tendeu desde cedo a ser resolvida, no português europeu pela centralização das vogais classificadas como [-post] e pela substituição das médias [+post] pela alta correspondente, o que foi motivado pelo papel de HV e sua congênera, que familiarizam a troca das médias pelas altas, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, quando a sua ação conjunta se faz notar. No séc. XIX os efeitos dos três processos tornam-se translúcidos, desaparecendo as médias átonas do sistema fonológico do PE. Persistem apenas em exceções.

Vale observar que silencia no séc. XIX a voz dos ortógrafos no que diz respeito à alteração das médias pretônicas. Na obra de Candido Figueiredo (1903), intitulada “O que se não deve dizer” que

consta, sobretudo, de comentários gramaticais sobre frases, também equívocos em palavras foram considerados, mas a troca de vogais por harmonia que proliferara no séc. XVIII não é citada. Gramáticas sincrônicas não citam a harmonia a não ser como característica do português brasileiro. Soares Barbosa (1822) assim o faz: “os *brasileiros mudam o e pequeno, breve em i, dizendo filiz, binigno, mi dêo, tidêo si firio, lhi dêo.*” Somente em termos de diacronia é mencionada sem ênfase entre outras assimilações:

“Deu-se assimilação entre outros no seguintes vocábulos: mentir e mintir, petire, pidir, vestire, vistir, necare, anagar (a par de anegar), ferire, firir, litania, ladainha, bilancia, balança, avitarda, batarda, evangelio, avangelho, novac(u)la, navalha, tenace, tanas (pop.), consuetudine, custunme, possidere, poussuir, etc.” (Nunes, J.J.1951[1930], p.58).

Mas o que chama atenção são as palavras contundentes do filólogo Leite de Vasconcelos, (1959 [1903]) sobre a ausência de certas vogais átonas no português de Lisboa. Para Vasconcelos, as vogais átonas são apenas três: [ɐ, ə, u].

“E sabido que nas sílabas átonas repugnam à nossa língua as vogais orais (ou abertas ou fechadas) à, è, ê, ò, ô, que por isso se pronunciam a fechado [ɐ] e surdo [ə], u; de faca fez-se f[ɐ]cada e não facada; de aberto fez-se ab[ə]rtura e não abertura; de rêde fez-se enrɛdar e não enredar; de pôrta fez-se purteiro (escreve-se porteiro), e não pôrteiro; de poço fez-se pucinho(escreve-se pocinho)e não pôcinho. As exceções a esta regra geral estão sujeitas a varias condições, que não posso aqui estudar desenvolvidamente. (Vasconcelos, J. Leite, 1959 [1903], p. 136,)”

A partir do séc. XIX, o português brasileiro com a harmonização vocálica e o português europeu sem ela, são dois dialetos da mesma língua. Diferenças que se estendem da fonologia à sintaxe não mudam o sistema básico. Neste ponto, deixemos a história para entrar na sincrônica, isto é, na gramática de nossos dias.

2. O Português contemporâneo

No séc. XX, quando os estudos sobre a língua tomam a feição da linguística iniciada por Saussure, vários estudos sobre harmonia vocálica no PB foram realizados. O primeiro a mencioná-la foi Serafim Silva Neto (1970, p. 61), sucedendo-se os estudos de Houaiss (1959), Mattoso Camara (1970), Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Maia (1986), Barbosa da Silva (1989), Bortoni e Malvar (1992), Schwindt (1995) Viegas (2001), Casagrande (2004), entre outros.

Exemplifiquemo-la com dados atuais ao lado da elevação sem motivação aparente:

(7) HV	ASM
aligria ~ alegria	buneca ~ boneca
bibida ~ bebida	culégio ~ colégio
bunito ~ bonito	guverno ~ governo
curuja ~ coruja	cumer ~ comer
curtina ~ cortina	cumpadre ~ compadre
filiz ~ feliz	cumadre ~ comadre
gurdura ~ gordura	cunhecer ~ conhecer
prucissão ~ procissão	custela ~ costela
mintira ~ mentira	muleque ~ moleque
perigrino > pirigrino, peregrino	piqueno ~ pequeno

Não se trata de exemplos de escrita, mas de fala gravada que constituem a base da maioria dos estudos sobre variação em tempos atuais. O primeiro ponto a ser notado é que a harmonia faz parte natural do sistema do PB, com estatuto de regra de uso moderado, enquanto ASM, que vem tomando a feição de regra menor, tende a privilegiar grupos de palavras, sobretudo verbos a exemplo de comer ~ *cumer*, *cumesse* e poder ~ *puder*, *pudemos*, *pudesse*. Em dados do sul se faz mais rara, sobretudo, em nomes, mas acontece: *piquena* ~ *pequena* e demais exemplos citados em (7). Como não se dispõe de estudos em separado de ASM senão os do sul do País, qualquer tentativa de generalização é temerária.

Posta em temos gerais a situação da harmonia e sua congênere no PB, passemos ao sistema fonológico do português contemporâneo, a

fim de contemplar os efeitos da mudança e a decorrente distinção dos dois dialetos contemporâneos, PEC e PBC. O português é um sistema de sete vogais que se manifestam plenamente na posição tônica: /a, ε, ɔ, e, o, i, u/.

(8) Sistema básico do português

abertura	i	e	ε	a	ɔ	o	u
aberto 1	-	-	-	+	-	-	-
aberto 2	-	+	+	+	+	+	-
aberto 3	-	-	+	+	+	-	-
posterior	-	-	-	+	+	+	+
arred.	-	-	-	-	+	+	+

A divisão em dois dialetos pelas razões expostas tem a ver com a sílaba átona, pretônica. Ambos os dialetos têm três vogais na sílaba final, mas na pretônica, PBC tem cinco vogais e PEC, três. Por conseguinte a matriz em (8) sofre a redução representada em (9a) no PBC e a redução representada em (9b) em PEC.

(9) Português brasileiro e português europeu contemporâneos

a - PB

a - pré-acento	b - posição de acento	c - átono final

b - PE

a - pré-acento	b - posição de acento	c - átona final

Observemos o quadro acima, com vistas à neutralização assim definida: a neutralização consiste na perda do traço que distingue dois fonemas, com a conseqüente perda de um deles a ser substituído pelo que permanece ou de ambos a serem substituídos por um som intermediário ou um terceiro som nem idêntico nem semelhante a um dos elementos do par opositivo (Troubetzkoy 1967, p. 82-85).

Em PBC (9a), considerando-se dados do sul/sudeste, o sistema de sete vogais acentuadas /i, u, e, o, ε, ɔ, a/ fica reduzido a cinco vogais átonas por efeito da neutralização das médias /ε, ɔ/ x /e, o/ em que a oposição neutralizada é substituída por um som idêntico a um de seus membros, no caso, a média fechada /e, o/, com claras evidências na pretônica, a exemplo de *belo* > *beleza*, *sól* > *solaço*. A redução de sete vogais a cinco na pretonica é o centro de nossa atenção; a redução a três na átona final é um pressuposto dado. Fazendo-se a relação entre a pauta acentual e a não acentual, essa é a visão geral do sistema fonológico do PBC desde Camara Jr. (1970). Em PEC (9b), não há simetria entre a redução das vogais da pauta [+post] e da pauta [-post], mas ambas são plenamente explicáveis por neutralização na linha de Trubetzkoy (1967). As vogais médias do tipo [-post], ao passarem da posição acentual para a não acentual, perdem a distinção que separa uma da outra, como entidades fonológicas, isto é, são neutralizadas, passando a ser substituídas por um terceiro som, uma vogal centralizada, [ə] ou [ɨ], variação que dispensa explicações, pois “*Central vowels can be characterized as highly variable, unstable, ill-defined vocoids*” (Veloso 2010:199). Representam-no por [ə], a exemplo de *mél* > *məladu*, *selo* > *səladu*, Cuesta e Luz (1980), c Mira Mateus(1982), Delgado Martins (1983), entre outros; trabalhos mais recentes representam-no por [ɨ], *mél* > *mɨladu*, *selo* > *sɨladu* como em Mateus e d’Andrade (2000), Vigário (2003) e Veloso (2010). Em vogais do tipo [+post], as médias /ɔ, o/ são neutralizadas em favor da vogal /u/, o terceiro segmento, a exemplo de *mɔda* > *mudelo*, *poço* > *puceiro*. Por conseguinte, a ambigüidade entre as médias referida por Nunes (1951) foi solucionada pela neutralização em favor de um terceiro som, alimentada, em se tratando da vogal [-post], da centralização.

Em suma, enquanto no PBC, a neutralização favorece um dos termos da oposição, em ambos os paradigmas [+post] e [-post], no PEC, favorece um terceiro som, as médias classificadas como [-post]

neutralizam em favor de um segmento centralizado, enquanto as médias com o traço [+post] neutralizam diretamente em favor da vogal alta. Tanto a neutralização em PEB quanto em PEC são casos previstos na proposta de neutralização de Trubetzkoy.

Para finalizar, apresentamos exemplos de PEC e PBC, extraídos os primeiros de Mateus e d'Andrade (2000).

(10) PE/PB	PEC	PBC
mira	mɪrar	mirar
selo	sɪlar	selar
pega	pɪgar	pegar
movo	muver	mover
mora	murar	morar

Admitimos, porém, que a vogal [ə] registrada em Cuesta e Luz (1980), Mira Mateus (1982), Delgado Martins (1983) entre outros, ainda esteja presente na fala, por conseguinte, variantes do tipo sɛlar ~ sɪlar, pɛgar ~ pɪgar são esperadas.

Enfim, PBC preserva o sistema átono de cinco vogais pretônicas, enquanto PEC perde as médias átonas. Desde então, de um lado PBC com harmonia, de outro PEC sem ela, pois as vogais médias, seu alvo, desapareceram do sistema. Eis o efeito da mudança em foco, no sistema fonológico, da qual HV é o divisor de águas.

Conclusão

O português brasileiro faz a sua história a partir do séc. XVI, herdando o sistema átono de cinco vogais com a harmonização vocálica na pretônica, enquanto o português europeu, dando abrigo à centralização das vogais átonas [-post], segue outra deriva, em virtude dos efeitos de três processos: centralização, harmonização e neutralização. Todavia PEC e PBC são dialetos de uma língua só.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em julho de 2014
E-mail: lebisol@uol.com.br

Referências bibliográficas

- ASSIS, Poggi de et al. 1966. Índice analítico do vocabulário de os Lusíadas. In: CUNHA, H. G. *Dicionário da língua portuguesa*; textos e vocabulários. Ministério da Educação e Cultura, Instituto nacional do Livro.
- BARBOSA, J.S. 1822[1803]. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Real de Ciências.
- BARBOSA DA SILVA, M. 1989. *As pretônicas no falar baiano*. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado.
- BARROS, João de. 1540. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographum.
- BISOL, L. 1981. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado.
- BORTONI, S.; MALVAR, C. 1992. A variação das vogais pretônicas em Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical. Belo Horizonte, *Estudos Linguísticos*. p. 9-29.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. 1986. *As vogais pretônicas no falar carioca*. Estudos Linguísticos, Salvador, UFBA.
- CAMARA, Jr. J. M. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- CANDIDO FIGUEIREDO, C. 1914. *O que se não deve dizer*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- CASAGRANDE, G. B. 2004. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. Porto Alegre, PUCRS. Dissertação de mestrado.
- CRUZ, M.C. 2009. *Alçamento das vogais pretônicas sem motivação aparente em Porto Alegre-RS: estudo de tendência*. Porto Alegre, PUCRS. Dissertação de mestrado.
- CUESTA, P.V.; LUZ, M, A, M. da. 1980. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Lexis edições 70.
- DELGADO MARTINS, M.R. 1983. *Sept Etudes sur la perception. Accent et Intonation*. 2. ed. Lisboa: Laboratório de Fonética, Universidade de Letras de Lisboa.
- HOUAISS, A. 1959. *Tentativa de descrição do português culto na área dita carioca*. Rio de Janeiro: Dep. da Imprensa Nacional.
- KLUNCK, P. 2006. *Alçamento da vogal média pretônica sem motivação aparente*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de mestrado.
- MAIA, V. L. M. 1986. As pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos Linguísticos e Literários, Salvador*, n. 5, p. 209-225.
- MADUREIRA FEIJÓ, J. M. 1739. *Orthografia e Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*. Lisboa: Luiz Secco Ferreira.

- MALER, Bertil. 1964[1956]. *Orto do esposo*. v. I. Texto crítico. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- MATEUS, M. H. 1982. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MATEUS, M. H. e D'ANDRADE, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press.
- NUNES, J. J. 1912[1906]. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 4. ed. Porto: Imprensa Portuguesa.
- OLIVEIRA, Fernão de. 1936. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: MM.
- PEREYRA, B. 1647. *Tesovro da lingua portvgvesa*. Lisboa: Oficina de Paulo Graesbeeck.
- RAGUCCI, R. 1944. *Letras Castelhanas. História Literária Espanhola*. Buenos Ayres: Sociedad Editora Internacional.
- SCHWINDT, L.C. 1995. *A harmonização vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado.
- SILVA NETO, S. Serafim. 1970. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. Coleção de Filologia Portuguesa.
- VASCONCELLOS, C. de M. 2012. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Revista de Portugal, série A. Língua Portuguesa.
- VASCONCELLOS, J. Leite. 1959. *Lições de Filologia Portuguesa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VELOSO, J. 2010. Central, epenthetic, unmarked vowels and schuas: a brief outline of some essencial differences. *Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*, v. 5.
- VIEGAS, M. C. 2001. *O alçamento das médias pretônicas e os itens lexicais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutorado.
- VIGÁRIO, M. 2003. *The Prosodic Word in European Portuguese*. New York: Mouton de Gruyter.